

## **A PRODUÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS SOBRE A ARQUEOLOGIA REGIONAL PARA A ÁREA DA UHE BARRA GRANDE**

Ana Lucia Herberts<sup>1</sup>

Fabiana Comerlato<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A proposta desta comunicação é apresentar a elaboração de dois materiais educativos sobre a arqueologia regional da área da UHE Barra Grande na vigência do Programa de Educação Patrimonial do “Projeto de Arqueologia Compensatória – UHE Barra Grande – Santa Catarina”, situado no Vale do Rio Pelotas.

A história em quadrinhos “Uma casa muito diferente... Conhecendo o patrimônio arqueológico do planalto sul-brasileiro” é um gibi destinado ao público infantil entre 7 e 11 anos. A história tem como enredo uma viagem de estudos de uma turma de escola a um hotel fazenda, onde descobrem dois sítios arqueológicos sendo escavados. Através da aventura dos personagens, procura-se divulgar os resultados obtidos nas pesquisas arqueológicas na área. Além da história, o livro contém informações de como conhecer mais sobre o tema, onde encontrar informações, sugestões de leituras, dicas de como ajudar a preservar os sítios arqueológicos e jogos educativos.

O “Caderno das Oficinas de Educação Patrimonial” reúne os trabalhos realizados com os docentes nas oficinas e sintetiza o conhecimento sobre a arqueologia regional produzido com as pesquisas realizadas na área. Está organizado em quatro capítulos, conforme os temas das oficinas: 1) A Valorização do Patrimônio Cultural; 2) Introdução à Arqueologia; 3) Pré-história do Rio Grande do Sul e Pré-História e Etno-história do planalto e 4) Arqueologia história e a proteção do patrimônio arqueológico. Trata-se de um material didático elaborado para os professores dos municípios abrangidos pelo empreendimento, contendo informações sobre a arqueologia regional com subsídios teóricos para a sala de aula. Apresentam-se também itens como sugestão de bibliografia e sugestões de atividades.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora da Scientia Consultoria Científica - Escritório Regional Sul, doutoranda em História (PPGH/PUCRS) e doutorado sanduíche (LAT - Université François-Rabelais).

<sup>2</sup> Arqueóloga do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutora em História, área de concentração Arqueologia (PPGH/PUCRS).

**Palavras-Chaves:** materiais educativos, Educação Patrimonial, patrimônio arqueológico.

## **Introdução**

O “Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural” (HERBERTS, 2001), vinculado ao “Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS” (CALDARELLI, 2001) foi desenvolvido pela Scientia Ambiental S/C Ltda. durante os anos de 2001/2002. As atividades executadas na vigência deste projeto encontram-se contempladas no Relatório Final (HERBERTS, Org., 2003a).

Este subprojeto propôs o desenvolvimento de ações educativas e informativas junto às comunidades locais, buscando sensibilizá-las sobre a importância dos bens culturais regionais, a fim de torná-las agentes locais de preservação e valorização do patrimônio cultural regional.

Sua abrangência foi a área de impacto direto da UHE Barra Grande, correspondendo às comunidades atingidas dos municípios de Anita Garibaldi, Campo Belo do Sul, Cerro Negro, Capão Alto e Lages, na porção localizada no Estado de Santa Catarina, e Pinhal da Serra, Esmeralda, Bom Jesus e Vacaria, no Rio Grande do Sul.

O Programa de Valorização do Patrimônio Cultural resultou na realização de quatro Oficinas de Educação Patrimonial<sup>3</sup>, que visavam promover a formação de uma consciência crítica e participativa em relação às questões que envolvem o patrimônio cultural, além de municiar o docente no que diz respeito ao patrimônio arqueológico da região, a fim de inserir a temática na escola e divulgar os resultados da pesquisa arqueológica realizada.

Na avaliação realizada ao final do projeto, constatou-se a necessidade, junto aos participantes das oficinas, de se ter um material de apoio com os conteúdos trabalhados e os roteiros de atividades desenvolvidas ou sugeridas, objetivando reforçar e aprofundar os conteúdos referentes à arqueologia regional (HERBERTS, 2003b). A proposta da elaboração de material educativo foi apontada pelos professores do ensino fundamental e médio como uma das sugestões relacionadas para a continuação do projeto e para trabalhos futuros.

Na proposta de medidas compensatórias para a margem catarinense da UHE Barra Grande (SCIENTIA AMBIENTAL, 2003), foi sugerido, dessa forma, a continuação do projeto de valorização do patrimônio cultural (SC/RS), atendendo aos seguintes objetivos: a) Elaboração de publicação sintetizando a pré-história regional e o patrimônio arqueológico do

---

<sup>3</sup> A experiência da construção de oficinas pode ser definida como o encontro de pessoas que vivenciam, aprendem e experimentam técnicas de forma lúdica a partir de um assunto ou temática, no caso específico, o enfoque voltou-se ao patrimônio arqueológico (SANTACANA; HERNÁNDEZ, 1999, p. 182).

planalto, para professores e alunos do ensino fundamental e médio; e b) Divulgação dos resultados do Projeto Arqueológico da UHE Barra Grande.

O “Projeto de Arqueologia Compensatória – UHE Barra Grande - SC” (CALDARELLI, 2006), que se encontra em andamento, busca, com o aumento das pesquisas arqueológicas, aprofundar o conhecimento científico sobre a pré-história regional, além de estimular a valorização e preservação do patrimônio arqueológico local. As atividades propostas no Programa de Educação Patrimonial desse projeto representam, desta forma, um complemento às atividades executadas pela Scientia Ambiental em 2002 no “Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural” (HERBERTS, Org., 2003a).

Buscando atender a carência de material de apoio, foram elaborados dois materiais educativos sobre a arqueologia regional da área da UHE Barra Grande: uma história em quadrinhos, dirigida ao público infante-juvenil, e um caderno sobre as oficinas de Educação Patrimonial para os professores dos municípios afetados pelo projeto em questão.

Além destes materiais educativos, foram elaborados os seguintes materiais de divulgação: um folder explicativo e um vídeo em forma de documentário das atividades realizadas no âmbito do Projeto Arqueológico da UHE Barra Grande. O folder intitulado “Arqueologia na área do AHE Barra Grande” (HERBERTS, 2006) divulga os principais resultados da pesquisa arqueológica na região. O mesmo teve uma tiragem de 5.000 exemplares com distribuição gratuita.

### **Pressupostos teóricos para elaboração dos materiais educativos**

Os materiais educativos em diversas linguagens podem ser objeto de investigação para os professores e instrumentos de pesquisa por parte dos alunos, oferecendo outros elementos de referência bibliográfica indo muito além do livro didático. Neste sentido, a proposta curricular de Santa Catarina reforça a necessidade de utilizarmos outros gêneros de discurso, tais como: mitos, contos, poemas, quadrinhos, cartas, jornais, leis etc... (SANTA CATARINA, 1998, p. 69-78).

Estes materiais educativos foram pensados para ser objeto de questionamento e curiosidade<sup>4</sup> para o leitor e, mais do que isto, podem ser instrumentos para a construção de saberes históricos. Portanto, o gibi e o caderno pedagógico não são apenas meio de divulgação; os conhecimentos foram organizados e selecionados para serem percebidos de maneira crítica e ativa. Esta construção, que envolveu pesquisa e reflexão, também é

---

<sup>4</sup> “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.” (FREIRE *apud* BESSEGATO, 2004, p. 53).

sugerida aos professores e alunos. Como nos coloca Paulo Freire (1996, p. 47), "[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". O professor e o aluno deixam de ser passivos: "Nessa dimensão, na busca de superar o ensino de história enquanto simples repasse de informações, entendemos que o conhecimento histórico é uma construção de vários sujeitos" (SANTA CATARINA, 1998, p. 161).

Os pressupostos teóricos, ponto de reflexão para a confecção dos materiais educativos, foram os seguintes:

**Os conceitos e terminologias:** O estudo da arqueologia requer a entrada em um mundo cheio de conceitos, metodologias e teorias muitas vezes de alcance muito restrito. Partindo da realidade que no Brasil a difusão do saber arqueológico aparece muito timidamente nos livros didáticos e poucos são as publicações sobre arqueologia brasileira para o público escolar, torna-se primordial trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos. Deste modo, podemos desenvolver a construção de novos conceitos ancorados naqueles que o aluno já domina e conhece, como sugere Mario Carretero (1997, p. 33).

O próprio conceito de pré-história pode ser o eixo para uma ampla discussão dos ditos "povos sem história". A substituição deste termo por pré-colonial, pré-cabralino ou pré-colombiano não foram suficientemente apropriados, continuando-se a utilização do referencial eurocêntrico. A comum confusão dos alunos em relacionar a paleontologia ao estudo do arqueólogo, por exemplo, pode ser um importante ponto de partida uma discussão sobre o tema.

Os conceitos foram apresentados indiretamente no gibi e, já no primeiro módulo do livro, o professor tem o contato com os jargões arqueológicos.

**A atribuição de significância.** Outra dificuldade é tratar o passado como um período morto. O professor deve trabalhar a relação do passado com o presente, compreendendo-o; isto "[...] supõe tanto a volta à memória quanto a construção de vínculos significativos entre o lembrado e o presente" (FREIXO, 1999, p. 67). Não devemos assimilar os conteúdos de forma acrítica, mas provocar a apropriação de informações, a construção de conhecimentos e de uma relação significativa com o passado.

Os materiais didáticos (gibi e livro) reforçam esta questão, pela ênfase nos sítios arqueológicos regionais e pela sugestão de atividades educativas, que podem criar vínculos de pertencimento (TOCCHETTO; REIS, 2000, p. 62).

**A questão temporal.** A noção de tempo no ensino de história é um dos focos centrais da prática docente. No caso específico do ensino de pré-história trabalhamos com um período

de longa duração. Já encontramos a primeira dificuldade: fazer com que os alunos entendam a duração dos processos históricos em uma escala de tempo mais ampla.

A linguagem mais apropriada para fazer referência aos diferentes momentos na pré-história brasileira deve ser a partir do uso das datas "A.P." (antes do Presente). Esta maneira de datar os períodos foge da referência bíblica, tomando como ponto de partida o nascimento de Jesus Cristo. Porém, aí esbarramos com a abstração destes termos e a noção de tempo dos alunos (ritmos de tempo, duração e noção de tempo). Outra possibilidade para trabalhar com os alunos das séries iniciais é contar o tempo na pré-história através das gerações, uma noção de tempo que lhes é mais cotidiana.

Outro desafio é expor o tempo enquanto conceito cultural, extrapolando a visão positivista da história, que imprime uma noção de tempo como algo linear, uniforme e evolutivo. Como perceber que existem ao mesmo tempo diferentes modos de vida em diversas sociedades atualmente? O olhar para o mundo do "outro", de outros modos de vida e sistemas culturais, possibilita o aluno a reconhecer a diversidade humana nos diversos contextos ambientais ao longo do tempo.

**A diversidade cultural.** Uma abordagem corrente pelos livros didáticos é a homogeneização das populações pré-históricas, todos são vistos como "índios". Como pensar os Tupi no Brasil como um todo uniforme, desconsiderando as diferenças culturais dentro de um tronco lingüístico? O professor deve estar atento à importância destas problemáticas; a diversidade cultural é um tema transversal que atravessa a história brasileira ontem e hoje.

Torna-se cada vez mais insustentável a utilização de conceitos como "primitivo", "incivilizado", "modo de vida simples", que durante muito tempo foram formas de diminuir, homogeneizar e desvalorizar populações inteiras ao longo da história para que a modernidade pudesse assim florescer de forma hegemônica e opressora.

A própria construção da arqueologia no Brasil foi feita a partir de modelos explicativos europeus e, mais recentemente, norte-americanos. A arqueologia brasileira acabou por "[...] acompanhar o confronto do brasileiro com um passado pouco conhecido, que traduz as diversas formas de identificação ou rejeição das raízes indígenas por parte da sociedade nacional, e que nem sempre corresponde a ideais de uma (pré)história nacional" (BARRETO, 1999-2000, p. 33).

**Os recortes cronológicos.** Como a história não é linear e nem apresenta uma mesma trajetória global, deve-se adotar a divisão de períodos, respeitando a área geográfica. O termo Paleolítico, Calcolítico e Neolítico podem ser adotados na Europa e África, porém não são bons marcadores cronológicos para a América. As cronologias podem ser baseadas em

aspectos tecnológicos (lítico, cerâmico, cobre, ferro, bronze) ou em sistemas sociais (bando, tribo, aldeia, cacicado, império). No Brasil, o PRONAPA utilizou-se de divisões como tradição, subtradição e fase, sendo até hoje adotada pela maioria dos arqueólogos brasileiros<sup>5</sup>. Em séries iniciais, parece insensato apresentarmos aos alunos tabelas tipológicas com cronologias extensas. É preferível mostrar as diferenças e permanências culturais ao longo do tempo, explorando as diferentes formas que os homens e mulheres conviveram.

A diversidade do patrimônio arqueológico e a pesquisa arqueológica foram os eixos principais dos materiais educativos, ficando em segundo plano a questão temporal. Na história em quadrinhos, o enfoque está na noção presente/passado/presente, mostrando um tempo passado em que se construíram casas subterrâneas e estruturas anelares e o tempo presente vivido pelo encontro do grupo escolar com os pesquisadores na área pesquisada (planalto sul-brasileiro). No livro para os professores, parte da publicação foi dedicada aos tipos de sítios, com um recorte cronológico bastante amplo e indicações das principais datações da região.

**O recurso visual.** A imagem, como forma de linguagem, é de extrema importância para a concretização do processo de ensino e aprendizagem junto aos educandos. Quando o professor utiliza somente dados escritos para contar uma história, isto exigirá uma boa capacidade de abstração por parte dos alunos. Porém, quando se trabalha com séries iniciais, os alunos terão maiores dificuldades, necessitando muito mais de elementos gráficos. Um dos problemas está, tanto nos materiais educativos, quanto nas publicações dos arqueólogos. Muitas vezes, as imagens são o resultado das reconstituições sem suporte científico ou reforçam ainda mais os preconceitos existentes. O professor poderá utilizar as reconstruções hipotéticas, sejam elas virtuais ou não, porém sempre tendo como referência que outras podem ser feitas e revistas (SANTACANA; HERNÁNDEZ, 1999, p. 125-136).

A questão da linguagem visual está diretamente vinculada à produção de gibis ou histórias em quadrinhos. Os quadrinhos têm uma estrutura narrativa com o desenvolvimento das ações das personagens, o enredo, o tempo e o espaço; integrados em uma linguagem escrita e visual (FOGAÇA, 2002/2003 p. 124).

Os diálogos dos quadrinhos, que foram produzidos pelas autoras, apresentam-se como linguagem falada com a inserção de breves explicações sobre os diferentes tipos de sítios arqueológicos e dos procedimentos da arqueologia. A linguagem visual foi elaborada pelo

---

<sup>5</sup> O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA foi desenvolvido no país nos anos 60. Tradição trata-se de um "[...] grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal [...]"; subtradição seria "[...] variedades dentro de uma mesma tradição [...]" e fase é definida como "[...] qualquer complexo (conjunto de elementos culturais associados entre si) de cerâmica, líticos, padrões de habitação, etc. relacionados no tempo ou no espaço, em um ou mais sítios." (PROUS, 1992, p. 111).

ilustrador (Joe Wallace). Este profissional é responsável pelos: planos, ângulos de visão, cores, forma dos balões e outros elementos estéticos, que dão “vida a história”. O contexto nas cenas foi mais detalhado e todo processo de criação de quadros foi discutido entre as autoras da história e o ilustrador.

As histórias em quadrinhos têm grande aceitação entre crianças e jovens, pois, geralmente, são um hábito de leitura dos alunos (CALAZANS, 2004, p. 10). Além disso, as vantagens dos gibis estão na maior possibilidade de serem relidos e no seu aspecto lúdico, ajudando no crescimento mental da criança e no desenvolvimento de habilidade e competência (FOGAÇA, 2002/2003, p. 125-129).

**O espaço.** Como expõe a Proposta Curricular de Santa Catarina, o espaço é uma categoria, tão importante quanto à noção de tempo. Nos materiais educativos, os cenários – que oferecem os contextos das diferentes sociedades – foram representados em plantas e reconstituições gráficas. Portanto, a paisagem pode ser percebida como fruto dos processos sociais (SANTA CATARINA, 1998, p. 161). No caso das histórias em quadrinhos, os cenários não são um “pano de fundo”, um enquadramento panorâmico de determinada realidade, eles são representações do mundo

[...] através da reconstituição de lugares históricos, de edificações, ou monumentos de valor simbólico, ou mesmo lugares comuns, como subúrbios, bairros, ruas tranquilas, em que se estabelece uma ponte entre o universo da ficção e o nosso universo real” (FOGAÇA, 2002/2003, p. 128).

**A valorização do patrimônio cultural.** Em que medida está garantida a preservação de aproximadamente 14.000 sítios arqueológicos em um país continental com as atuais condições sócio-econômicas? A alternativa é fazer com que os alunos, professores, e, por extensão a comunidade, considerem este patrimônio como parte de sua história e atribuam significados afetivos e culturais a estes “lugares de memória” (NORA, 1993). Neste processo de aproximar as comunidades ao patrimônio arqueológico é imprescindível desvincular estes bens das concepções de “tesouro” e “reliquias” e dos adjetivos “valioso” e “precioso”. Os sítios arqueológicos são importantes por seu valor cultural, em que se deve desconstruir a imagem desses locais como depositários de tesouros perdidos.

No que se refere à questão do patrimônio cultural, foi introduzido no gibi um pequeno guia de conduta em áreas arqueológicas e no livro dos professores foi dedicada parte de um capítulo para a questão da preservação dos sítios arqueológicos.

**As metodologias de ensino.** As atividades que desenvolvam os conhecimentos arqueológicos no ensino de História podem ocorrer tanto dentro como fora da sala de aula. Uma forma de trabalho com a temática arqueológica é através de oficinas. A atividade

prática possibilita maior interação, desenvolvimento e reflexão sobre o tema proposto, e, principalmente, a construção do conhecimento por parte do aluno.

### **Elaboração da história em quadrinhos**

A história em quadrinhos “Uma casa muito diferente: conhecendo o patrimônio arqueológico do planalto sul-brasileiro” (HERBERTS; COMERLATO, 2007) é um gibi destinado a alunos do ensino fundamental (público infanto-juvenil). A história tem como enredo uma viagem de estudos de uma turma de escola a um hotel fazenda, onde as personagens principais, três alunos (com perfil físico e psicológico distinto), descobrem dois sítios arqueológicos sendo escavados: um conjunto de casas subterrâneas e uma estrutura anelar funerária<sup>6</sup>. Inicialmente, os protagonistas da história entram em contato com o contexto ambiental da região, explorando os campos naturais e os capões de araucárias, encontrando alguns animais silvestres típicos como a gralha azul, o quati e a lebre.

Na visita às escavações, o trio conhece os detalhes de uma escavação arqueológica: como eram construídas as casas subterrâneas, a sua função, as características das estruturas anelares, os procedimentos de identificação, acondicionamento e os cuidados no transporte dos materiais coletados, além de receberem algumas informações sobre o estudo em laboratório.

Através da aventura das personagens, procura-se divulgar os resultados obtidos nas pesquisas arqueológicas na área, e, ao mesmo tempo, repassar mensagens educativas como a importância da preservação da floresta de araucárias, dos animais silvestres e dos sítios arqueológicos. Outro elemento enfatizado no decorrer do gibi está no fato dos protagonistas não estarem representados fora das cenas. Os diálogos construídos tiveram a intenção de mostrar o conhecimento prévio dos temas abordados pelos mesmos (alunos), como partícipes na construção da história. Assim, os alunos-leitores “[...] podem atuar de maneira ativa, aberta e flexível em relação aos diferentes saberes” (FONSECA, 2003, p. 103).

Além da história, o gibi contém informações de como conhecer mais sobre o tema, onde encontrar informações, sugestões de leituras, dicas de como ajudar a preservar os sítios arqueológicos. Os jogos educativos foram valorizados como instrumentos de fixação e reflexão sobre os temas abordados, por serem itens lúdicos para o aprendizado. A partir da dimensão lúdica construímos seis jogos educativos, a saber:

---

<sup>6</sup> Tratam-se de reconstituições elaboradas a partir dos resultados obtidos na investigação destes tipos de sítios no âmbito do Projeto UHE Barra Grande. Não se trata de um sítio em específico, mas da reunião das características constatadas na região.



- 1) Enigma arqueológico: a arqueóloga, personagem da história em quadrinhos, deixou uma mensagem codificada para ser descoberta. Através da identificação dos equipamentos (colher de pedreiro, máquina fotográfica, mapa, lupa entre outros) utilizados pelo(a) arqueólogo(a) no seu trabalho. O aluno é convidado a preencher o nome de cada equipamento desenhado e inserir a letra destacada de cada termo nos espaços previstos no diagrama, aparecendo assim a frase do enigma arqueológico (*vide fig. 1*).
- 2) Caça-palavras arqueológico: a equipe de arqueologia fez uma lista dos materiais arqueológicos encontrados nas escavações realizadas na região do planalto, apresentando a imagem e a definição do artefato. Os nomes dos artefatos em destaque devem ser localizados no caça-palavras e pintados. As letras que sobrarem no diagrama de letras formarão o nome de uma peça arqueológica que está faltando na lista, respondendo a pergunta apresentada.
- 3) Jogo das sombras: são apresentadas seis vasilhas cerâmicas atribuídas aos grupos indígenas da região e sete sombras (projeções da forma das vasilhas), nas quais duas estão incorretas. O objetivo é identificar as sombras das vasilhas correspondentes através da observação da forma e do contorno das mesmas, eliminando as que não fazem parte do conjunto e preenchendo o quadro resposta (*vide fig. 1*).
- 4) Mensagem codificada: com o auxílio de um alfabeto dos artefatos arqueológicos, em que cada peça corresponde a uma letra, as imagens devem ser substituídas por letras para se descobrir a mensagem codificada (*vide fig. 1*).
- 5) Jogo dos sete erros: através da observação de duas imagens, deve-se identificar o que está errado nas atitudes da equipe de arqueólogos e dos visitantes num sítio arqueológico.
- 6) Crie uma história: atividade de recortar e colar as personagens e elementos da história para criar a sua própria história em quadrinhos.

## **Elaboração de material para os professores**

A proposta do livro “Oficinas de Educação Patrimonial no AHE Barra Grande” (HERBERTS, Org., 2007) surgiu a partir da necessidade constatada junto aos professores que participaram das Oficinas de Educação Patrimonial em ter um material de apoio dos conteúdos trabalhados e dos roteiros das atividades desenvolvidas. Neste sentido, esta publicação foi pensada e organizada seguindo o programa e os módulos destas oficinas.

Trata-se de um material didático elaborado para os professores dos municípios abrangidos pelo empreendimento, contendo informações sobre a arqueologia regional com subsídios teóricos para a sala de aula.

Este livro reúne os trabalhos dos docentes nas oficinas e sintetiza o conhecimento sobre a arqueologia regional produzido com as pesquisas realizadas na área. Após apresentação inicial, a publicação está organizada em quatro capítulos, conforme as oficinas que foram planejadas em módulos com temáticas de trabalho específicas. Cada capítulo corresponde a uma das quatro oficinas realizadas:

a) Capítulo 1: “A Valorização do Patrimônio Cultural” de autoria de Ana Lucia Herberts, Marcos Anderson Tedesco e Elaine Arnold. Neste capítulo são abordados os tipos de patrimônio, a definição de patrimônio cultural, a legislação de proteção ao patrimônio arqueológico, a definição e conceituação de Educação Patrimonial, histórico de experiências de Educação Patrimonial em Arqueologia, e educação para o patrimônio e responsabilidade social.

b) Capítulo 2: “Introdução à Arqueologia” de autoria de Ana Lucia Herberts. Este capítulo apresenta o conceito de arqueologia, os tipos de arqueologia e sítios arqueológicos; os procedimentos da pesquisa arqueológica em suas diversas etapas; os resultados da pesquisa na UHE Barra Grande; os tipos de sítios arqueológicos no planalto meridional; além de textos complementares ao assunto.

c) Capítulo 3: “Pré-História do Rio Grande do Sul” e “Pré-História e Etnohistória do Planalto” de autoria de Sílvia Moehlecke Copé. A autora apresenta as diferentes ondas migratórias que povoaram o sul do Brasil, os dados pré-históricos e etnohistóricos referentes ao planalto das araucárias.

d) Capítulo 4: “Arqueologia Histórica e a Preservação do Patrimônio Arqueológico” de autoria de Fabiana Comerlato. Neste capítulo, é abordada a importância da arqueologia histórica, os sítios arqueológicos históricos na região e a proteção do patrimônio arqueológico.

Os textos iniciais de cada capítulo foram elaborados pelos próprios ministrantes, apresentando na seqüência as sugestões de atividades propostas e desenvolvidas durante as oficinas, assim como indicações de leitura (*vide* fig. 2).

## Referências Bibliográficas

- BARRETO, Cristina. A Construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, nº. 44, p. 32-51, dez./fev. 1999-2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BESSEGATO, Mauri. *O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas*. Santa Maria: Editora Evangraf, 2004.
- CALAZANS, Flávio. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CALDARELLI, Solange Bezerra. *Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS*. Florianópolis, Scientia Ambiental, set. / 2001.
- \_\_\_\_\_. *Projeto de Arqueologia Compensatória – UHE Barra Grande – Santa Catarina*. Florianópolis, Scientia Consultoria Científica, out. / 2006.
- CARRETERO, Mario. *Construir e Ensinar: As Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FOGAÇA, Adriana Galvão. Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes. *Revista PEC*, Curitiba, v. 3, nº. 1, p. 123-131, jul. 2002 / jul. 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIXO, A. L. A Renovação no Campo da História: para a construção de novos referenciais teórico-metodológicos. *Cadernos de Estudos e Pesquisas*. Universidade Salgado de Oliveira. Ano III, set./dez., 1999, nº. 6.
- HERBERTS, Ana Lucia. *Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural*. Florianópolis, Scientia Ambiental, nov. / 2001.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS. Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural: Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Ambiental, jan. / 2003a, 232 p.

\_\_\_\_\_. Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural na UHE Barra Grande: a experiência das Oficinas de Educação Patrimonial. *XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Arqueologias da América Latina. Anais... São Paulo, edição CD-ROM, 2003b.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia na área do AHE Barra Grande*. Florianópolis, Scientia Consultoria Científica / Baesa – Energética Barra grande S. A., nov. / 2006. (folder)

\_\_\_\_\_. *Oficinas de Educação Patrimonial na AHE Barra Grande*. Florianópolis, Scientia Consultoria Científica / Baesa – Energética Barra Grande S.A., 2007. (no prelo)

HERBERTS, Ana Lucia; COMERLATO, Fabiana. *Uma casa muito diferente: conhecendo o patrimônio arqueológico do planalto sul-brasileiro*. Florianópolis, Scientia Consultoria Científica, Baesa – Energética Barra Grande S.A., 2007. (no prelo)

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, nº. 10, p. 07-28, dez. / 1993.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares*. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTACANA, Joan; HERNÁNDEZ, Xavier. *Ensenanza de la arqueología y la prehistoria*. Lleida: Milênio, 1999.

SCIENTIA AMBIENTAL. *UHE Barra Grande: sugestão de medidas compensatórias para a margem catarinense*. Florianópolis, 2003.

TOCCHETTO, Fernanda Bondim; REIS, José Alberione dos. Da cidadania e do pertencimento: lugares de atuação da arqueologia em educação patrimonial. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 24, nº. 31, p. 61-69, jan./jun. 2000.

## Enigma Arqueológico

DEIXE UM ENIGMA ARQUEOLÓGICO PARA VOCÊS RESOLVEREM!

Identifique os instrumentos utilizados pelo arqueólogo no seu trabalho, escrevendo o nome dos equipamentos nos espaços em branco ao lado de cada desenho (cada linha corresponde a uma letra). A letra de cada círculo sinalizado em vermelho deverá ser preenchida na coluna vertical à esquerda. Quando os quadrinhas estiverem completos, aparecerá a frase do enigma.

RESPOSTA: PRESERVEN O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

## JOGO Das Sombras

DURANTE O TRABALHO DE LABORATÓRIO, OS PESQUISADORES REMONTARAM, A PARTIR DOS CACOS CERÂMICOS ENCONTRADOS EM CAMPO, ALGUMAS VASILHAS FEITAS PELOS GRUPOS INDÍGENAS DA REGIÃO. PREENCHA O QUADRO ABAIXO E AJUDE A ARQUEÓLOGA E SUA EQUIPE A IDENTIFICAREM AS SOMBRAS DAS VASILHAS CORRETAS, ELIMINANDO AS QUE NÃO FAZEM PARTE DO CONJUNTO.

Sombras das vasilhas corretas: Incorretas:

1	2	3	
4	5	6	

## Mensagem Codificada

NAS PESQUISAS REALIZADAS NA LHE BARRA GRANDE, FORAM ENCONTRADOS FRAGMENTOS CERÂMICOS, INSTRUMENTOS DE PEDRA, PONTAS DE FLECHA, LÂMINAS DE MACHADO E ATÉ OSSOS HUMANOS. DESCUBRA A MENSAGEM CODIFICADA COM O AUXÍLIO DO ALFABETO DOS ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS. PARA CADA PEÇA ARQUEOLÓGICA, HÁ UMA LETRA CORRESPONDENTE.

ALFABETO DOS ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS:

A C P E F G I J L  
O P Q R S T U V

Figura 1: Exemplos de jogos educativos da história em quadrinhos: enigma arqueológico (superior), jogo das sombras (inferior esquerda) e mensagem codificada (inferior direita)

